ISSN: 2358-8829

ESCUTA, ACOLHIMENTO E REDE DE APOIO: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA EM GRUPO PARA CUIDADORES DE CRIANÇAS COM TEA

Helena Maria Diu Gonçalves Raposo[1]
Anuska Érika Pereira Bezerra[2]
Renata Claudia Silva Santos de Araujo[3]

INTRODUÇÃO

O cuidado de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve demandas contínuas que podem repercutir na organização cotidiana, nas relações familiares e na saúde física e mental de pais e demais cuidadores. A dedicação às necessidades da criança, o acompanhamento de terapias e a busca por respostas às situações do dia a dia podem coexistir com cansaço, preocupações e dificuldades para reconhecer e atender às próprias necessidades (Mapelli et al., 2018).

Nesse contexto, a atenção à saúde mental dos cuidadores constitui dimensão importante do cuidado integral. Embora a experiência de cuidar possa ser atravessada por vínculos afetivos, aprendizados e sentidos positivos, ela também pode produzir sobrecarga quando as responsabilidades são vivenciadas sem apoio suficiente ou quando o autocuidado é continuamente colocado em segundo plano. Criar espaços de escuta e acolhimento pode favorecer o reconhecimento dessas experiências e a construção de alternativas possíveis para o cotidiano (Fávero; Santos, 2005).

A terapia em grupo configura-se como uma estratégia de cuidado que permite compartilhar vivências, identificar dificuldades comuns e conhecer diferentes formas de enfrentamento. A interação entre participantes pode favorecer a percepção de que desafios individuais também são experimentados por outras pessoas, contribuindo para reduzir o isolamento e ampliar a possibilidade de apoio mútuo. Associada a práticas psicoeducativas e vivenciais, a abordagem grupal pode estimular a reflexão sobre limites pessoais, autocuidado e redes de suporte (Pereira; Bordini; Zappitelli, 2017).

[1] Mestra pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Psicologia, Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: helenadiu@hotmail.com.
[2] Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Neurociência Cognitiva e Comportamental da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: anuskaerika@hotmail.com.
[3] Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Formação de Professores, Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: renataclaudia.pedagoga@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Este trabalho apresenta uma intervenção realizada com pais e cuidadores de crianças com TEA atendidas por uma instituição multidisciplinar que oferece terapias integradas, localizada em Campina Grande, Paraíba. Teve como objetivo promover saúde mental e bem-estar psicossocial, por meio do acolhimento, do fortalecimento de vínculos, da valorização do autocuidado e da reflexão sobre estratégias para lidar com as demandas cotidianas do cuidado.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre uma intervenção grupal desenvolvida com pais e cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista atendidas por uma instituição multidisciplinar de Campina Grande-PB. A proposta foi orientada por princípios da atenção psicossocial, do cuidado humanizado e comunitário, articulados à psicoterapia em grupo e a práticas psicoeducativas e vivenciais.

A intervenção foi organizada em seis encontros psicoterapêuticos. Os encontros constituíram espaços para escuta qualificada, acolhimento e compartilhamento de experiências relacionadas ao exercício do cuidado. Entre os temas trabalhados estiveram a sobrecarga emocional, o reconhecimento dos limites pessoais, o autocuidado, a busca e o fortalecimento de redes de apoio e as estratégias de enfrentamento das demandas cotidianas. As atividades foram conduzidas de modo a favorecer a participação, a expressão das vivências e a troca de experiências entre os integrantes. A proposta considerou os participantes como sujeitos ativos na construção de possibilidades de cuidado, valorizando os conhecimentos produzidos a partir da experiência cotidiana e o apoio construído coletivamente.

As atividades foram realizadas no Instituto Viver Autismo, localizado em Campina Grande-PB, instituição privada voltada ao atendimento multidisciplinar de crianças com TEA e outras demandas do neurodesenvolvimento. As intervenções ocorreram no contexto do projeto social desenvolvido pela instituição aos sábados, destinado a famílias em situação de vulnerabilidade social. Participaram das ações cuidadores de crianças atendidas pelo serviço, especialmente mães, pais e responsáveis, sendo preservado o anonimato dos participantes e o sigilo das informações compartilhadas.

Os seis encontros foram organizados em quatro etapas. Na primeira etapa, realizou-se o reconhecimento do campo, com observação da estrutura institucional, aproximação com a equipe e entrevista com profissionais e gestão, a fim de compreender a organização do serviço e as demandas do público atendido. Na segunda etapa, desenvolveu-se uma roda de conversa

ISSN: 2358-8829

com escuta ativa e acolhimento das demandas dos cuidadores, possibilitando a expressão de vivências relacionadas à rotina, à sobrecarga emocional e às perspectivas de vida. Na terceira etapa, foram trabalhadas temáticas relacionadas à autoestima, potencialidades pessoais, autocuidado e gestão das emoções, associadas à prática de mindfulness, com exercícios de respiração, atenção plena e orientações para continuidade da prática no cotidiano. Na quarta etapa, realizou-se uma vivência grupal de encerramento, com roda de conversa, integração entre cuidadores e crianças, oficina de cupcakes, momento de confraternização e reflexão sobre fortalecimento da autoestima e prospecção de futuro.

Foram utilizados como instrumentos e recursos metodológicos roteiros de observação, registros de campo, escuta qualificada, rodas de conversa, práticas de mindfulness, materiais de apoio para dinâmicas grupais, recursos institucionais disponibilizados pela clínica e materiais necessários à realização da oficina vivencial. As atividades ocorreram em sala reservada, climatizada e organizada em formato circular, favorecendo a interação grupal, a privacidade, o acolhimento e a participação dos cuidadores.

Todos os procedimentos foram conduzidos em conformidade com os princípios éticos da Psicologia e com as orientações institucionais do campo de prática, assegurando-se o respeito à dignidade, à autonomia, à confidencialidade das informações e à proteção dos sujeitos envolvidos. A participação ocorreu de forma voluntária, sendo respeitados os limites individuais, a privacidade e o direito de não exposição dos participantes.

Caracterização do campo e dos participantes

O Instituto Viver Autismo, atua por meio de uma equipe multidisciplinar integrada, oferecendo atendimentos em áreas como Psicologia, Fonoaudiologia, Psicomotricidade, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Psicopedagogia e Análise do Comportamento Aplicada (ABA), buscando promover um atendimento humanizado voltado não apenas às crianças, mas também às famílias e cuidadores.

A clínica realiza atendimentos particulares de segunda a sexta-feira. Aos sábados, entretanto, desenvolve um projeto social voltado para famílias em situação de vulnerabilidade social que não possuem condições financeiras de custear os tratamentos terapêuticos das crianças. Esse projeto social ocorre exclusivamente no turno da manhã e é organizado em duas turmas: a primeira no horário das 7h30 às 9h30 e a segunda das 9h40 às 11h40. Cada turma é composta por nove crianças acompanhadas de seus respectivos cuidadores.

ISSN: 2358-8829

A equipe envolvida no campo foi composta por profissionais da área da saúde e educação que atuam diretamente no acompanhamento terapêutico das crianças, além da participação dos estudantes de psicologia em atividade curricular extensionista sob orientação acadêmica. As atividades desenvolvidas possuíram caráter psicoeducativo e interventivo, buscando promover espaços de escuta, troca de experiências e fortalecimento emocional entre as participantes.

A instituição dispõe de ampla estrutura física, com ambientes terapêuticos climatizados, salas de multiterapias e espaços destinados ao acolhimento familiar. As intervenções ocorreram em uma sala reservada da clínica, equipada com tatames, permitindo que as participantes permanecessem sentadas em roda durante os encontros, favorecendo a interação grupal e a escuta ativa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A intervenção parte de uma compreensão ampliada de saúde mental, que considera não apenas a presença ou ausência de sintomas, mas também as condições relacionais e sociais em que as pessoas vivem e cuidam. Na perspectiva da atenção psicossocial, o sofrimento relacionado às exigências do cuidado deve ser acolhido considerando a singularidade de cada família, seus recursos, suas necessidades e o contexto em que está inserida (Schmidt; Bosa, 2003).

O cuidado humanizado pressupõe disponibilidade para ouvir sem julgamentos, reconhecer a legitimidade das experiências relatadas e construir respostas que respeitem a autonomia dos participantes. Nesse sentido, acolher cuidadores não significa desconsiderar as necessidades da criança, mas compreender que o bem-estar de quem cuida também integra a rede de condições necessárias à continuidade do cuidado (Brasil, 2015).

A psicoterapia em grupo oferece a possibilidade de elaboração compartilhada das experiências. Ao narrar situações do cotidiano e escutar relatos semelhantes ou diferentes, os participantes podem ampliar a compreensão sobre seus próprios sentimentos, reconhecer recursos pessoais e coletivos e construir alternativas de enfrentamento. A troca entre pares também pode funcionar como fonte de aprendizagem mútua, pois estratégias utilizadas por uma família podem inspirar reflexões em outras, sem pressupor que exista uma única forma adequada de lidar com cada situação (Pereira; Bordini; Zappitelli, 2017).

ISSN: 2358-8829

As práticas psicoeducativas e vivenciais complementam esse processo ao favorecer a reflexão sobre temas concretos, como limites, divisão de responsabilidades, pausas possíveis e procura por apoio. O autocuidado, nessa perspectiva, não deve ser entendido como responsabilidade exclusivamente individual nem como mais uma exigência a ser cumprida, mas como dimensão que depende também das condições disponíveis, do apoio social e da possibilidade de negociar responsabilidades (Mapelli et al., 2018).

As repercussões do cuidado de crianças com TEA precisam ser compreendidas em sua diversidade. Schmidt e Bosa (2003) propõem uma leitura que articula fatores individuais, familiares e sociais, evitando explicar a adaptação familiar por relações simples de causa e efeito. Essa perspectiva orienta a atenção aos recursos disponíveis e às necessidades singulares de cada família. Fávero e Santos (2005), em revisão sistemática, discutem o estresse familiar e as estratégias de enfrentamento no contexto do autismo. Suas contribuições fundamentam a inclusão dos cuidadores nas ações de atenção psicossocial, sem pressupor que todas as famílias vivenciem o cuidado da mesma maneira.

A escuta das experiências maternas também encontra respaldo em Smeha e Cezar (2011). Em estudo qualitativo com quatro mães, as autoras identificaram desafios no exercício da maternidade e destacaram a necessidade de espaços de escuta e troca de experiências. Esses resultados contextualizados ajudam a compreender a relevância do acolhimento, sem autorizar generalizações para todos os cuidadores.

Pereira, Bordini e Zappitelli (2017) descrevem uma experiência grupal com mães de crianças com TEA que possibilitou reflexão sobre implicações do autismo no funcionamento familiar. Já Moura e Lima (2014) discutem a roda de conversa como espaço de diálogo e produção compartilhada de sentidos. Embora tratem de dispositivos e contextos distintos, esses trabalhos apoiam a valorização da participação e da troca entre pares.

A atenção plena pode ser compreendida como uma forma de dirigir a atenção à experiência presente com abertura e sem julgamento. Vandenberghe e Assunção (2009) discutem suas bases conceituais e aplicações clínicas. Essa contribuição sustenta a descrição dos exercícios utilizados, mas não comprova, por si só, a eficácia de uma prática breve para cuidadores de crianças com TEA.

No âmbito brasileiro, a linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde orienta a construção de um cuidado articulado às necessidades das pessoas e de suas

ISSN: 2358-8829

famílias (Brasil, 2015). Esse documento oferece fundamento para a aproximação entre serviços e redes de suporte. Mapelli et al. (2018), em pesquisa qualitativa com 15 famílias, evidenciam a centralidade das relações familiares na organização do cuidado e a importância de conhecer suas experiências. Essa perspectiva reforça a pertinência de considerar a divisão de responsabilidades, os apoios disponíveis e as possibilidades concretas de cuidado na realidade das famílias.

Assim, o acolhimento dos cuidadores pode integrar ações continuadas de cuidado, com participação familiar e articulação entre serviços (Brasil, 2015). Na experiência aqui relatada, as atividades grupais e vivenciais são discutidas a partir das observações de campo; não foram apresentados instrumentos que permitam mensurar redução de sintomas ou estabelecer eficácia clínica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência culminou na realização de 06 encontros psicoterapêuticos com pais e cuidadores. Conforme o resumo da intervenção, os participantes ampliaram a percepção acerca dos próprios limites diante das exigências do cuidado e reconheceram a importância de buscar e fortalecer redes de apoio. Esses achados indicam que a criação de um espaço específico para os cuidadores possibilitou deslocar o foco exclusivo das necessidades da criança e incluir, na reflexão, as necessidades de quem assume responsabilidades cotidianas de cuidado.

Outro resultado descrito foi o favorecimento de uma escuta mais qualificada. Os encontros possibilitaram expressar vivências, compartilhar dificuldades e construir coletivamente novas formas de enfrentamento. A possibilidade de falar sobre desafios em um ambiente de acolhimento pode contribuir para organizar experiências que, na rotina, nem sempre encontram tempo ou espaço para serem elaboradas. O compartilhamento também permite reconhecer pontos de aproximação entre as histórias, sem apagar as particularidades de cada participante.

Os cuidadores destacaram que serem ouvidos com sinceridade, acolhimento e clareza contribuiu para compreender e enfrentar as demandas diárias de maneira mais consciente. Esse apontamento ressalta a importância da qualidade da relação estabelecida no grupo: a escuta não se restringe a receber informações, mas envolve atenção às necessidades expressas, respeito às diferenças e comunicação compreensível. Acolher não significa oferecer respostas prontas, e

ISSN: 2358-8829

sim sustentar um espaço no qual as pessoas possam refletir sobre suas experiências e reconhecer possibilidades.

Os resultados também apontam para a importância de abordar o autocuidado de maneira realista e contextualizada. A reflexão sobre o tema pode favorecer o reconhecimento de necessidades pessoais, mas sua concretização depende das condições familiares e sociais de cada cuidador. Assim, fortalecer a rede de apoio e reconhecer os limites individuais aparecem como dimensões articuladas: identificar a necessidade de descanso, por exemplo, precisa vir acompanhado da possibilidade concreta de compartilhar responsabilidades ou solicitar suporte (Mapelli et al., 2018).

A experiência extensionista desenvolvida no Instituto Viver Autismo possibilitou a aproximação dos estudantes com práticas de atenção psicossocial voltadas à promoção da saúde mental de cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A atuação dos estagiários ocorreu sob supervisão acadêmica, respeitando os limites da formação em Psicologia, as normativas institucionais do campo e os princípios éticos que orientam a prática profissional. Nesse sentido, a participação dos estudantes esteve vinculada à observação, ao acolhimento, à escuta qualificada, à condução de atividades grupais breves e à reflexão crítica sobre as demandas apresentadas pelos participantes.

A análise das atividades desenvolvidas foi organizada a partir de eixos temáticos identificados durante a prática extensionista, considerando situações recorrentes, aspectos observados no campo, registros reflexivos e discussões realizadas em supervisão.

5.1 Escuta qualificada e acolhimento das demandas dos cuidadores

Um dos aspectos mais significativos observados durante a intervenção foi a necessidade de espaços de escuta voltados aos cuidadores. Durante as rodas de conversa, os participantes puderam expressar vivências relacionadas à sobrecarga cotidiana, às dificuldades emocionais, à rotina intensa de cuidados e aos desafios enfrentados no acompanhamento das crianças com TEA. A escuta realizada pelos estagiários buscou acolher essas narrativas sem julgamentos, favorecendo a validação das experiências e o reconhecimento do sofrimento apresentado.

Essa vivência permitiu compreender que a atenção também deve alcançar a rede familiar que participa do cuidado. Smeha e Cezar (2011) destacam a importância de oferecer às mães

ISSN: 2358-8829

espaços de escuta e troca. Em diálogo com esse estudo, o acolhimento realizado buscou reconhecer as necessidades dos cuidadores, respeitando suas diferentes experiências.

5.2 Sobrecarga emocional, autocuidado e saúde mental dos cuidadores

Outro eixo relevante identificado durante as atividades foi a presença de sinais de sobrecarga emocional entre os cuidadores, especialmente em relação à rotina de cuidado contínuo, às responsabilidades familiares e às dificuldades de conciliar as próprias necessidades com as demandas da criança. Observou-se que muitos cuidadores apresentavam dificuldade em reconhecer o autocuidado como uma prática legítima, associando-o, por vezes, à culpa ou à impossibilidade diante das exigências do cotidiano.

A intervenção sobre autoestima, potencialidades pessoais e autocuidado buscou promover reflexões sobre limites e necessidades emocionais. Fávero e Santos (2005) discutem o estresse e o enfrentamento familiar, contribuindo para contextualizar essas demandas. A interpretação das situações observadas deve considerar também os recursos e as condições de cada família, conforme a abordagem discutida por Schmidt e Bosa (2003).

Na prática, observou-se que a abordagem grupal favoreceu a identificação entre os participantes, permitindo que as experiências individuais fossem compartilhadas e ressignificadas coletivamente. A escuta de vivências semelhantes contribuiu para a redução do sentimento de isolamento e para o fortalecimento de vínculos de apoio. Para os estagiários, essa experiência evidenciou a importância de intervenções psicossociais que considerem o sujeito em sua integralidade, valorizando não apenas os sintomas ou dificuldades, mas também suas potencialidades, recursos emocionais e redes de apoio.

5.3 Intervenção grupal e fortalecimento de vínculos psicossociais

A modalidade grupal mostrou-se uma estratégia potente no contexto da atenção psicossocial, uma vez que possibilitou a construção de um espaço coletivo de acolhimento, troca de experiências e fortalecimento de vínculos. As rodas de conversa favoreceram a participação ativa dos cuidadores e permitiram que as dificuldades fossem compartilhadas em um ambiente protegido, respeitoso e humanizado.

Moura e Lima (2014) destacam o diálogo e a alternância entre escuta e fala nas rodas de conversa. Pereira, Bordini e Zappitelli (2017), em outro contexto de intervenção, descrevem

o grupo como espaço de reflexão para mães de crianças com TEA. No presente relato, a identificação entre participantes foi observada nas trocas sobre dificuldades cotidianas.

A participação dos estagiários nesse processo exigiu atenção à condução do grupo, à organização da fala, ao respeito ao tempo de cada participante e à manutenção de um ambiente acolhedor. Entre os desafios encontrados, destacou-se a necessidade de equilibrar a escuta das demandas individuais com a proposta coletiva da intervenção, evitando que o grupo se transformasse em espaço de exposição excessiva ou de aconselhamento diretivo. Essa vivência contribuiu para a formação dos estudantes ao possibilitar o desenvolvimento de habilidades relacionadas à escuta ativa, mediação grupal, manejo de emoções e postura ética diante de relatos de sofrimento.

5.4 Mindfulness como estratégia de regulação emocional

A prática de mindfulness realizada durante a intervenção constituiu uma estratégia voltada à promoção da regulação emocional, da atenção plena e da redução do estresse. Por meio de exercícios simples de respiração e concentração no momento presente, buscou-se oferecer aos cuidadores uma ferramenta acessível que pudesse ser utilizada também em situações cotidianas de tensão, cansaço ou sobrecarga.

O referencial de Vandenberghe e Assunção (2009) contribui para compreender a atenção plena como atitude diante da experiência. Durante a vivência relatada, a atividade foi recebida positivamente e proporcionou um momento de pausa. Essas impressões de campo não equivalem à demonstração de redução do estresse ou de sintomas de ansiedade.

Do ponto de vista prático, foi necessário apresentar os exercícios de forma simples e acessível ao grupo. Para os estagiários, essa atividade favoreceu a reflexão sobre a adaptação dos recursos à realidade dos participantes e sobre os limites das conclusões possíveis em uma intervenção breve, sem avaliação padronizada de resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção grupal com pais e cuidadores de crianças com TEA constituiu uma estratégia de acolhimento e promoção de saúde mental no contexto de uma instituição multidisciplinar. A realização de seis encontros favoreceu a expressão de vivências, a escuta qualificada, o reconhecimento dos limites pessoais e a reflexão sobre autocuidado e redes de apoio.

Os achados descritos reforçam a importância de incluir os cuidadores nas ações de atenção psicossocial, reconhecendo que suas necessidades emocionais e relacionais também merecem cuidado. O grupo possibilitou compartilhar dificuldades e construir coletivamente alternativas para enfrentar demandas cotidianas, além de promover aprendizagem mútua entre participantes.

Como desdobramento, recomenda-se que iniciativas semelhantes sejam consideradas de forma contínua nos serviços que acompanham crianças com TEA, respeitando as necessidades e possibilidades de cada comunidade. Estudos futuros poderão detalhar o perfil dos participantes, os procedimentos utilizados e as percepções ao longo do tempo, contribuindo para compreender melhor os efeitos e os limites das intervenções grupais com cuidadores.

Conclui-se que escuta, acolhimento e fortalecimento de vínculos podem compor estratégias relevantes de cuidado humanizado, desde que articulados às condições concretas de vida das famílias e à disponibilidade de redes de suporte.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 29 out. 2026.

FÁVERO, Maria Ângela Bravo; SANTOS, Manoel Antônio dos. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 358-369, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300010.

MAPELLI, Lina Domenica et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 4, e20180116, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 95-103, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338. Acesso em: 29 out. 2026.

PEREIRA, Marilia Luiz; BORDINI, Daniela; ZAPPITELLI, Marcelo C. Relatos de mães de crianças com transtorno do espectro autista em uma abordagem grupal. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 56-64, 2017. DOI: https://doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v17n2p56-64.

SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 111-120, 2003. DOI: https://doi.org/10.5380/psi.v7i2.3229.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43-50, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvgqWpK/. Acesso em: 29 out. 2026.

VANDENBERGHE, Luc; ASSUNÇÃO, Alysson Bruno. Concepções de mindfulness em Langer e Kabat-Zinn: um encontro da ciência Ocidental com a espiritualidade Oriental. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p. 124-135, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200007. Acesso em: 29 out. 2026.